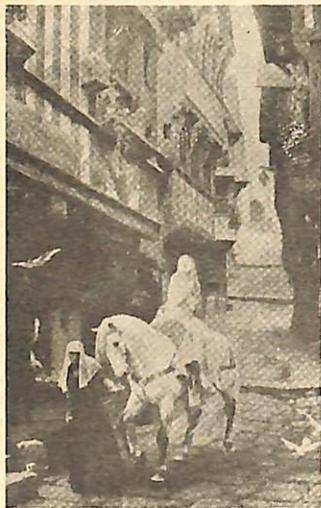


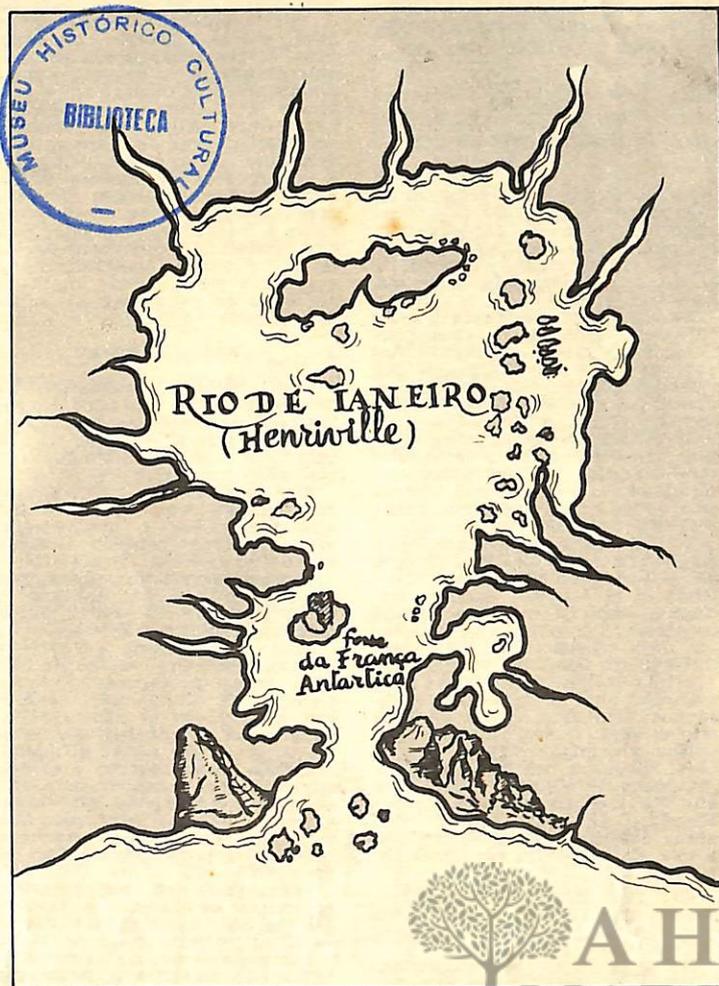
PESTE NO RIO!

V CENTENÁRIO DE LADY GODIVA



Londres, 1557

Completa agora cinco séculos o heróico feito de uma dama da nobreza da Inglaterra: Lady Godiva, mulher de Leofrico, conde de Chester. Tantos anos são passados que o fato tomou aspecto de lenda. Em 1057 Lady Godiva implorou ao seu marido a atenuação dos pesados impostos que esmagavam Coventry. O conde retrucou que concordaria, mas com uma condição: a de que Lady Godiva atravessasse toda a cidade completamente nua, montada em seu cavalo. A virtuosa dama aceitou o desafio e a população de Coventry, comovida, trancou-se em suas casas, deixando-a atravessar as ruas apenas vestida com a sua longa e bela cabeleira, com seu cavalo conduzido por uma religiosa, como mostra a gravura que reproduzimos para nossos leitores. Ninguém a contemplou.



+, -, =

Londres, 1557

O matemático e físico inglês Robert Recorde publicou este ano mais uma obra notável, «Whetstone of Witte» («Pedra de afiar o espírito»), em que usa, pela primeira vez, o sinal (=) para significar igualdade. O autor informa que assim agiu «por não haver coisas mais iguais» que duas linhas paralelas.

Essa é uma nova e importantíssima contribuição à matemática, que se faz ainda mais notável por ter sido o mesmo Recorde o inventor de dois outros sinais: mais (+) e menos (-), que o autor lançou em seu livro «Grounde of Arts», aparecido em 1540, sendo uma das primeiras obras sobre aritmética publicadas em inglês.

“Botou água no leite?” —Deporta para o Brasil

Lisboa, 2, janeiro, 1557

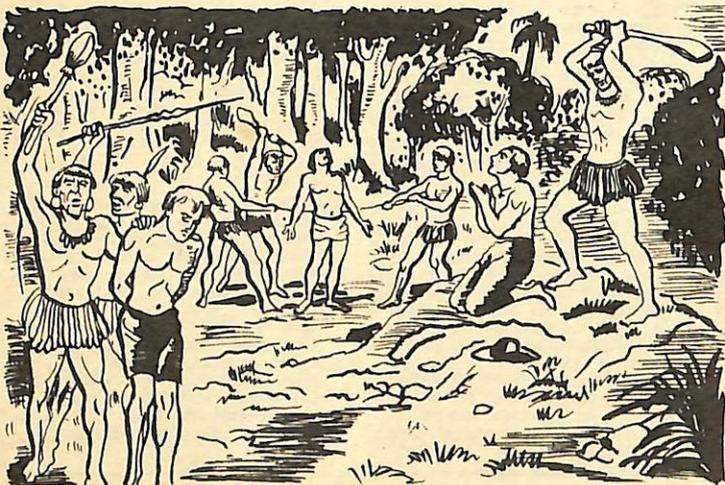
Do mexerico puro e simples, passando pela rixa com ferimentos, pelo porte de armas proibidas e pela água no leite até o roubo de dinheiros públicos, 50 delitos cometidos em Portugal podem deportar o delinqüente para o Brasil, que é, por lei, depois da pena de morte, a punição mais severa.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL, compulsando a legislação penal portuguesa, anotou as seguintes contravenções:

- 1) cortar árvores frutíferas (com prejuízos

superiores a 30 cruzados, a pena é de degrêdo para o Brasil);

- 2) fazer barulho noturno, quebrando portas ou fechando-as, de brincadeira, pelo lado de fora;
- 3) ter arcabuz de menos de 4 palmos de cano (a punição para os escravos é a morte; para os peões, chicote e galés; para as pessoas de maior qualidade: degrêdo para o Brasil);
- 4) pedir socorro, em brigas etc., sem gritar «aqui d'el-rei!» (degrêdo de cinco anos);
- 5) pôr água no leite;
- 6) fazer mexerico ou dar crédito a êle;
- 7) marido perdoar adultério;
- 8) falsificar moeda selo etc.



BISPO DEVORADO PELOS ÍNDIOS

Na costa de Pernambuco os caetés trucidaram e devoraram o primeiro bispo do Brasil e seus acompanhantes. D. Sardinha que se dirigia para Portugal para dar contas ao rei de grave desentendimento surgido entre êle e Duarte da Costa, morreu de joelhos, rezando. A gravura reproduz a reconstituição do martírio, de acordo com os melhores informantes. Esses dramáticos acontecimentos assim como a chegada e a posse do novo governador do Brasil, sr. Mem de Sá, constituem matéria de excepcional importância divulgada em reportagem da nossa sucursal da Bahia, na página 2.

Já mortos 800 brasileiros vítimas de estranha enfermidade — O vice-almirante Villegagnon enfrenta terrível crise na sua «Henriville» — Completa cobertura jornalística dos acontecimentos da «França Antártica»

O BRASIL EM JORNAL divulga em primeira mão inédito mapa do Rio de Janeiro — agora Henriville — ocupado pelos franceses. Na pequena ilha assinalada dentro da baía, desenrola-se um tremendo drama. Questões religiosas entre protestantes e católicos; revolta dos índios; motins na tropa; peste entre os brasileiros e a presença de cinco francesinhas casadouras, constituem o centro da sensacional reportagem que divulgamos neste número na pag. 2

o Brasil em Jornal

1556/7 N.º 18	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

MORREU CARAMURU DEIXANDO 13 FILHOS



Um dia, seus feitos serão cantados em prosa e verso. Caramuru. Seu nome mesmo antes da sua morte já era uma legenda. O Brasil e Portugal devem-lhe muito. Devem-lhe tanto ou mais que os treze filhos que sobrevivem a êle. É a reportagem da morte desse herói que conseguiu ser legendário em vida que publicamos sentidamente na página 2 desta edição.

D. JOÃO III MORREU CARLOS V ABDICOU

Nesta edição damos conta de dois importantes acontecimentos: a morte de D. João III, rei de Portugal e a abdicação do Imperador Carlos V, do Santo Império Romano Germânico. O luto e a dor enchem de tristeza as ruas de Lisboa. E, ainda mais que o luto e a dor, a intranquilidade, o receio e até mesmo a revolta surda do povo diante da entrega do trono lusitano a uma espanhola: a rainha mãe, d. Catarina, irmã de Carlos V e regente até a maioridade do príncipe herdeiro — agora rei nominal — d. Sebastião. Os leitores encontrarão neste número de O BRASIL EM JORNAL, pormenorizadas reportagens sobre os dois acontecimentos.

MORREU CARAMURU DEIXANDO 13 FILHOS

Vila Pereira, Bahia, 5, outubro, 1557

Diogo Alvares Correia, o «Caramuru», um dos primeiros elementos brancos a se fixar no Brasil, morreu hoje, cercado por sua mulher, filhos e netos.

Seu corpo, em câmara ardente, foi velado por autoridades locais e familiares. O féretro sairá amanhã para a Igreja do Colégio dos Jesuítas de Salvador.

O extinto prestou altos serviços aos portugueses durante o tempo que aqui viveu. Numa das edições anteriores referimo-nos a uma carta que o rei de Portugal, D. João III, lhe escreveu, recomendando-lhe auxiliar o governador Tomé de Sousa.

Casado com a índia Catarina Paraguaçu, deixa 13 filhos e filhas: Madalena (casada com Afonso Rodrigues), Felipa Alvares (com Paulo Dias Adorno), Ana (com Custódio Dias Correla), Apolônia (com João de Figueiredo Mascarenhas), Grácia (com Antão Gil), Isabel Alvares (com Francisco Rodrigues), Catarina (com Gaspar Dias), Gaspar Alvares (com Maria Rabelo), Helena (com João Luís), Beatriz Alvares (com António Vaz), Marcos Alvares, Diogo e Manuel Alvares.

Em seu testamento, Caramuru doou metade de sua terça aos jesuítas.

Bispo devorado pelos índios

Salvador, 28, dezembro, 1557 (Da Sucursal)

Franceses no Rio de Janeiro, a morte do bispo e substituição do governador, este é o balanço dos atritos entre Duarte da Costa e D. Pedro Sardinha, no momento em que Mem de Sá desembarca nesta cidade, para assumir o governo.

O novo governador, que traz em sua companhia o filho Fernão e o sobrinho Estácio, ambos rapazolas, foi nomeado para o cargo em 23 de julho do ano passado, pelo então rei D. João III. Só em abril deste ano, todavia, Mem de Sá pôde vir para o Brasil. Sua viagem, cheia de dificuldades, durou oito meses.



MEM DE SÁ

Disciplinar brasileiros para expulsar franceses.

Em junho do ano passado, a situação era tensa entre o bispo e o governador Duarte da Costa. D. Sardinha resolveu ir a Portugal, para melhor entender-se com D. João III. Embarcou na «Ajuda», com o ex-provedor da Fazenda, sr. António Cardoso de Barros, mulheres e crianças.

Depois de poucos dias no mar, o navio foi colhido por uma tempestade que o impeliu para as costas de Pernambuco. Lá, contra os rochedos do litoral, o «Ajuda» se desfez. Os naufragos aterrorizaram-se aos botes, procurando salvar-se. Escondidos sob as árvores, os selvagens da tribo dos caetés os esperavam. Sardinha, como os sobreviventes do nau-

Henriville (Rio de Janeiro), dezembro, 1557 (Do enviado especial)

Com outro nome, o forte de defesa quase acabado, e apesar de uma questão religiosa «sul generis», e da sublevação contra Villegagnon, o Rio de Janeiro, agora com 5 francezinhas casadouras, é, de fato, a capital da França Antártica.

Em 7 de março deste ano, novos reforços colonizadores chegaram a esta cidade, em três navios: «Grand Roberge», «Petite Roberge» e «Rosée».

A esquadra, sob o comando de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon, encontrou a cidadela da ilha Serigipe (Coligny) quase desmantelada, em virtude das contendas entre comandante e comandados.

MOTIM

Em fevereiro do ano passado, o descontentamento dos colonos, no isolamento do forte que se construiu, ocasionou sério conflito. Um intérprete normando amotinou a soldadesca. Villegagnon proibira-lhe as relações com uma selvagem, a menos que se casasse com ela. O intérprete rebelou-se e planejou eliminar seu chefe. Quando, todavia, ele e três companheiros tentaram convencer a guarda escocesa do comandante, um soldado denunciou a conspiração a Nicolau Barré.

Os revoltosos estavam em dúvida sobre como matariam Villegagnon. Um, sugeriu que se fi-

zesse o fortim voar pelos ares, ateando-se fogo ao paiol. A proposta foi recusada, por envolver o sacrifício de inocentes. Discutiu-se, então, entre o punhal e o veneno. Nesta fase, a trama foi descoberta.

Antes que os revoltosos a executassem, Villegagnon agiu com firmeza. O cabeça conseguia fugir, mas um dos culpados foi estrangulado a vista de toda a guarnição e outros foram condenados a trabalhos forçados.

Simultaneamente, os índios amigos, que construíam o forte, foram atacados por estranha enfermidade. Cerca de 800 morreram antes que a medicina francesa lhes pudesse valer.

Os selvagens atribuíram seus males à maneira tiranizante com que Villegagnon os tratava. Centenas deles fugiram para o continente, onde já estavam alguns franceses. Por momentos, temeu-se uma rebelião dos indígenas. O forte foi pôsto de sobreaviso.

A ilha Coligny viveu horas dramáticas, ante a expectativa do ataque, sem água e sem gêneros alimentícios. O descontentamento voltou a dominar. Graves acusações surgiram, então, contra a probidade de Villegagnon. Diz-se que ele recebeu dinheiro do rei Henrique II para aplicar nas obras defensivas da nova colônia e usa esse dinheiro em benefício próprio.

«Na mesa do comandante, afirmava-se abertamente, nunca falta boa comida, embora os soldados passem fome e até sede».

No auge destes acontecimentos, Villegagnon decidiu que seu sobrinho, Bois-le-Comte, fosse à Europa, a fim de trazer reforços urgentes. Com ele seguiu o monge franciscano André Thevet.

Comte foi o portador de cartas para as autoridades francesas e, especialmente, para Calvino, antigo discípulo de Villegagnon.

Na cidade, antes do embarque, murmurou-se que o comandante, escrevendo tais cartas, dava provas de sua hesitação, já que ele, pessoalmente, sempre pareceria defender a pureza da fé cristã. Em sua bagagem havia livros de doutrina católica e paramentos para a Santa Missa. Calvino é reformista e o apelo a um protestante descontenta os colonos católicos, embora minoritários.

Os mais exaltados consideraram o pedido como tração ao rei, católico, e ao cardeal de Lorena. Alguns atribuíram o regresso de Thevet à mudança de atitude de Villegagnon, que fugia aos seus votos, como cavaleiro de Malta.

O destacamento chegado na esquadra de reforço é quase que exclusivamente constituído de protestantes. Seu chefe espiritual é Filipe de Corguilleray, amigo de Coligny e que se pôs, desde 1549, ao abrigo do prestígio de Calvino em Genebra.

Dois dos pregadores que com ele vieram, Pedro Richier e Guilherme Chartier, estavam também foragidos em Genebra, em consequência das lutas religiosas.

Villegagnon pintou com tais cores a situação da França Antártica que convenceu os mais pessimistas. Seu único pedido a Calvino era de que lhe enviassem religiosos, sim, mas artesãos para as necessidades de Henriville. Assim, veio um grupo de missionários operários, formado de João de Lery e Nicolau Carneau (sapateiros), Pedro Bordon (torneiro), Mathieu Verneuil, Tiago Rousseau e Martin David (marceneiros), João do Bordel (couteleiro), André Lafon (costureiro), Nicolau Denis, Nicolau Raviquet e João Gardien.

Cinco francezinhas solteiras, sob o controle de uma matrona, foram mandadas na mesma esquadra para casar no Brasil.

BARBARIDADES

Este enviado pôde conversar com João de Lery, o missionário protestante de 23 anos, logo após seu desembarque em Henriville. Lery fez-nos um relato impressionante das barbaridades praticadas durante a travessia do Atlântico, contra um inocente navio mercante português.

PESTE NO RIO!

«Nós já havíamos feito algumas presas, antes de determos a caravela portuguesa, sem combate. O capitão foi obrigado a nos acompanhar, sob a vigilância de nossos canhões. Bois-le-Comte, contudo, prometeu dar-lhe liberdade caso aprisionássemos outra embarcação. Isso foi o que aconteceu, no Natal de 1556. Os portugueses tomaram uma caravela espanhola e no-la entregaram. Ai, sobreveio o pior: nossos marujos cumpriram a promessa de libertar os portugueses (com quem, aliás, não estamos em guerra), mas de maneira cruelíssima. Misturaram espanhóis e portugueses no mesmo barco, não lhes deixaram nem biscoitos nem viveres, rasgaram-lhes as velas e lhes tiraram o batel com que poderiam aproximar-se de terra. Acredito, concluiu Lery, que teria sido melhor matá-los ao invés de os deixar ao sabor das ondas.»

PAI E IRMAO

Para Richier e Chartier, os dois pregadores que aqui chegaram a 7 de março do ano passado, Villegagnon, logo que os viu, portou-se como pai e irmão. Isso, nos primeiros dias.

Eles explicam-se: «Pai, porque nos abraçou como a seus filhos, e alimentou-nos e acolheu-nos; irmão, porque, conosco, invocou nosso Pai Celeste, Deus.»

Richier adianta-nos, ainda, que, no próprio dia da chegada, o comandante fê-los pregar publicamente a palavra de Deus.

Para Villegagnon, os recém-vindos trouxeram cartas de Calvino, que o deixaram muito satisfeito. O comandante esclareceu a Lery que se sentia abandonado dos companheiros e estava passando por sérias dificuldades. Não tinha viveres e os selvagens que o cercavam eram desconfiados e desonestos, ignorantes e desonestos, mais parecendo animais que homens. Os brancos, estes só se preocupavam com os instintos.

Villegagnon leu, em conselho, as cartas de Calvino e respondeu-lhe dando conta da situação. Para os colonos mais sensatos, o comportamento do comandante, se não significava inclinação definitiva para a Reforma, pelo menos demonstrava uma tolerância mais que suspeita.

Tal impressão foi sobremodo reforçada com uma resposta que

Villegagnon deu ao sr. Corguilleray: «Estamos aqui para estabelecer um retiro para os pobres fiéis perseguidos na França, Espanha e alhures e a fim de que eles possam servir a Deus segundo a sua vontade.»

COMEÇAM ATRITOS

Na festa de Pentecostes deste ano começaram as primeiras desinteligências por motivos religiosos. O navio «Rosée», com Nicolas Carneau, tinha voltado à França com resposta de Villegagnon para Calvino.

Durante a solenidade, devia celebrar-se a Ceia. Alguém suscitou a dúvida: o vinho a ser usado podia ser misturado à água? Villegagnon, recorrendo à doutrina dos concílios, entendia que sim. Richier, afirmando que a hipótese não estava prevista nas escrituras, achava que não. A dúvida não tardou a degenerar em verdadeiro conflito.

A aparência de boas relações entre Villegagnon e os protestantes desfez-se. Nos bastidores, afirmavam, agora, os reformados que Villegagnon os estava abandonando. Todavia, os mais serenos sugeriram uma solução para a contenda: seria ouvido o próprio Calvino, em Genebra, para dirimir a dúvida.

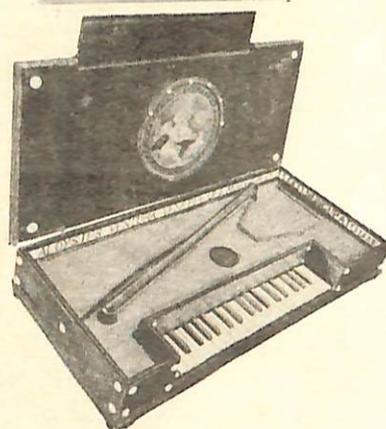
Em junho, os navios, «Grande» e «Petite Roberge» estavam de velas prontas para a viagem até a Europa, em busca de uma resposta conciliadora.

Entretanto, a situação, na ilha, agravava-se. Richier passou a reclamar abertamente contra o comandante e a Santa Ceia só pôde ser celebrada às escondidas. Os reformados, fechando a questão em torno de Richier, consideraram Villegagnon indigno como chefe e passaram a desatender-lhe as ordens.

No momento, enquanto não vem resposta de Calvino, os reformados estão sendo sabotados de todos os modos. Villegagnon decidiu cortar-lhe os gêneros alimentícios, de modo que as dificuldades por que passam são enormes: de um lado os índios descontentes; de outro, embora remota ameaça, são os canhões portugueses.

Esta a situação do ex-Rio de Janeiro, agora Henriville, em homenagem ao rei Henrique II: em mãos francesas, mas fracolido por questões incultas.

MÚSICA



Um dos instrumentos mais populares hoje em dia é sem dúvida o espineta, que, embora date do século XIV, parece que só agora foi descoberto pela alta sociedade. Em qualquer reunião, em todos os saraus, há sempre alguém tirando acordes de um espineta. Os modelos mais comuns são portáteis, têm a forma retangular e sua caixa pode atingir até 1,70. Algumas dessas caixas são verdadeiras obras de arte, como a da gravura, que tem 38 teclas e belíssimo acabamento.

Munich, 1556

O duque Alberto II nomeou maestro de sua capela o compositor belga Orlando di Lassus, um dos maiores e mais fecundos musicistas de nossa época. Di Lassus, cuja obra musical, juntamente com a de Palestrina, é do mais alto valor, já se fez conhecido em diversos países (Itália, França e Inglaterra) por onde andou nos últimos anos, a serviço de governantes que lhe encomendaram composi-

ções com as quais obteve enorme reputação. No ano passado, em Bruxelas, Di Lassus compôs seus primeiros madrigais a quatro vozes, que muito impressionaram o duque Alberto.

Nuremberg, 1556

O médico, compositor e editor de música Georg Forster, que chegou a esta cidade em 1539, vem desenvolvendo uma grande atividade musical, tendo acabado este ano uma vasta antologia de «lieder» polifônicos (cinco livros de «Teutsche Liedlein»), de motetes e de salmos.

O próprio Forster, que exerce também a medicina nesta cidade, pratica estes gêneros num estilo tradicional e conservador.

Uma outra notícia nos chega de Nuremberg, mas esta triste: acaba de falecer o impressor de música André Formschneider, cujo sobrenome (quer dizer gravador) fol-lhe atribuído por causa de sua profissão.

Sua atividade como tipógrafo musical parece ter começado em 1527 e suas publicações, que vão de 1532 a 1555, compreendem obras célebres, como as de Gerle relativas à música instrumental, uma parte das obras de H. Finck e de L. Senfl, o «Choralis Constantinus» de Isaac etc.

O célebre compositor Giovanni Pierluigi, conhecido por Palestrina, lançou nova criação, que vem confirmar seu alto conceito como um dos mais eminentes autores de músicas religiosas católicas. É a «Missa do papa Marcelo II», que Palestrina compôs como gratidão pelos favores com que foi agraciado pelo falecido pontífice, que se transformara em decidido protetor do grande maestro italiano.

CHEFE ANGLICANO QUEIMADO VIVO



CRAMER

Coragem nas chamas

Londres, 21, março, 1556

As perseguições religiosas na Inglaterra fizeram hoje mais uma vítima, lançando à fogueira Thomas Cramer, cuja responsabilidade histórica é tão grande quanto a de Henrique VIII, pois, se este desencadeou o cisma inglês, Cramer o impôs à maioria dos católicos.

Cramer era o último Thomas vivo, dos três que tiveram participação destacada no reinado de Henrique VIII: os outros dois foram Morus e Cromwell, sendo que este e Cramer são considerados responsáveis pela implantação da reforma protestante na Inglaterra.

O apoio de Cramer aos divórcios de Henrique VIII, inclusive anulando os casamentos do rei com Catarina de Aragão, Ana Bolena e Ana de Clèves, valeram-lhe numerosos privilégios, entre os quais sua elevação ao primado da Inglaterra.

Nascido em Aslacton (Nottinghamshire) no dia 2 de julho de 1489, sua educação foi confiada a um dos mais severos mestres do lugar. Depois de revelar em Cambridge sua capacidade intelectual, sendo professor de um dos colégios universitários, Cramer casou-se. Não tendo sido feliz resolveu tomar ordens sagradas em 1523 e se doutorou em Direito Canônico.

A carreira do obscuro professor do Colégio de Jesus de Cambridge alterou-se em 1529 por uma simples resposta. Obrigado por causa de uma epidemia a refugiar-se em Waltham, entrevistou-se com os secretários do rei, Gardner e Fox, que lhe pediram sua opinião sobre o divórcio pretendido por Henrique VIII. Cramer disse que não era preciso recorrer a Roma, para obtê-lo. Esta resposta fez sua fortuna. Henrique VIII aceitou sua opinião e lhe deu vários benefícios.

Cramer defendeu sua doutrina nas universidades de Oxford e Cambridge, em Roma e até na corte imperial de Carlos V, na Alemanha, onde se contaminou das idéias de Osiandro, o reformador de Nuremberg, com cuja sobrinha casou-se em 1532. Apesar do sacrilégio, aceitou o arcebispado de Canterbury e as bulas de confirmação papal no dia 30 de março de 1533.

Durante os reinados de Henrique VIII e Eduardo VI, Cramer trabalhou com intensidade para dar um conteúdo dogmático ao cisma inglês,

com o objetivo de tornar impossível uma aproximação com Roma. O nome de Cramer se vincula à difusão da Bíblia em língua inglesa, ao «Bishop's book» (1537) e ao «King's book» (1547); ao «Book of Common Prayer» de 1549 e aos «42 artigos da Fé» de 1552.

A morte de Eduardo VI e o advento de Maria Tudor significaram o fim da carreira de Cramer, que queria a elevação de Jane Gray ao trono. Encarcerado na Torre de Londres a partir de 14 de setembro de 1553, foi excomungado pelo Papa no ano passado por sua persistência no erro.

VOLTOU ATRAS

A rainha católica havia prometido poupar-lhe a vida se ele abjurasse a Igreja que criou. Cramer cedeu, mas, logo após a abjuração, soube que seria queimado de qualquer maneira.

Foi então que, recuperando a coragem, voltou atrás da abjuração e demonstrou grande coragem ao ser amarrado ao poste em que foi incinerado. Tinha 68 anos.

PLEITO FRAUDADO PARA ELEGER AMIGOS DO GOVERNO

Salvador, 18, dezembro, 1556
(Do correspondente)

Corrupção eleitoral, perseguição aos inimigos políticos, dissolução de costumes e absolutismo — são alguns itens de que vereadores e juizes desta cidade acusam o governador-geral Duarte da Costa, seu filho Alvaro e o ministro da Fazenda e Justiça, sr. Pero Borges.

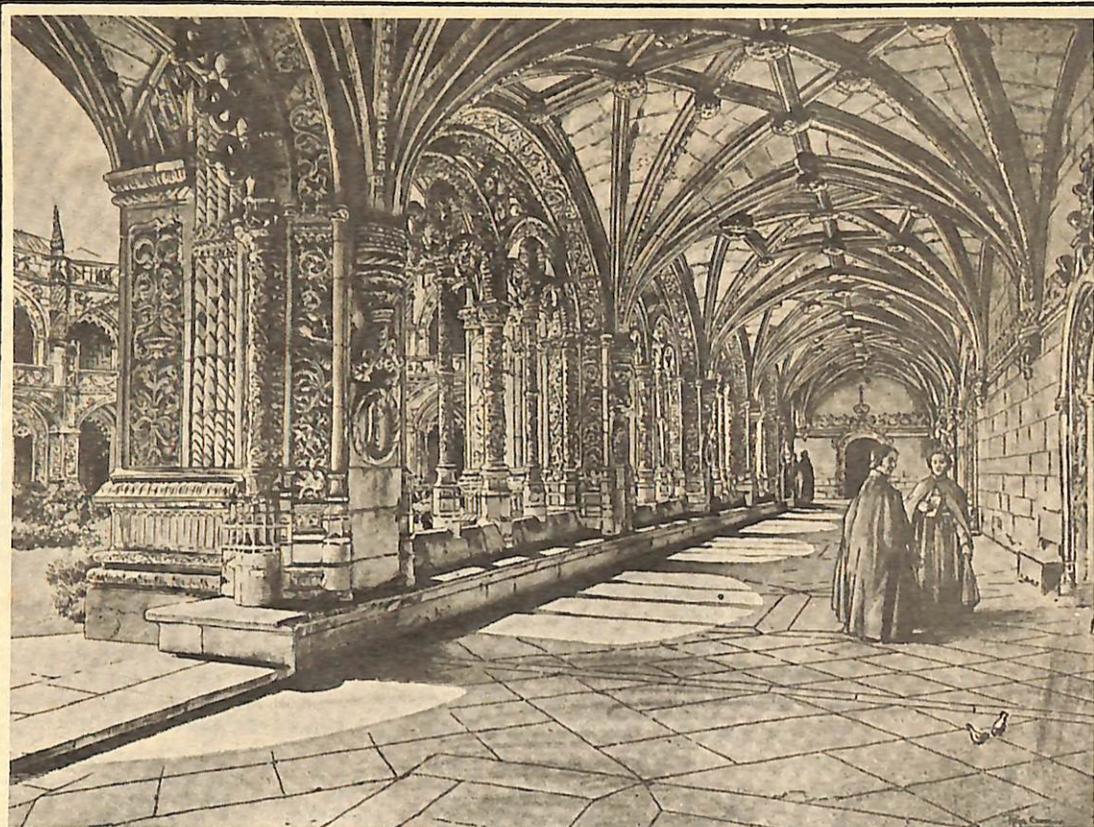
Magistrados e representantes do povo, dizendo que só os mantinha vivos a esperança de que D. João III tomasse conhecimento das irregularidades para saná-las, dirigiram, hoje, ao rei, tremendo libelo contra o governador, seu filho e a mão-forte do regime.

Os denunciadores, srs. Simão da Gama, Francisco Portocarrero, João Galvão, Vicente Dias, Pedro Figueira e Damião Lopes revelam que Duarte, Alvaro e Borges festejaram, acintosamente, a morte do bispo e de seus acompanhantes, às mãos dos caetés.

O bispo, além de suas queixas pessoais, era portador de uma representação da cidade de Salvador contra os desmandos governamentais.

Na denúncia, vereadores e juizes chamam a atenção do rei para as eleições que se vão realizar próximamente em Salvador.

Duarte da Costa, senhor absoluto de todos os poderes, favorecerá a eleição de seus apaniguados, a fim de encobrir os abusos passados. «Os eleitos, dizem os queixosos, muito provavelmente não darão conta do que se passa no Brasil,



ARQUITETURA

CONFUSAO E CONTINUIDADE — Uma das obras mais heterodoxas da escultura portuguesa de nossos dias é, sem dúvida, o monumento comemorativo à descoberta do caminho marítimo para a Índia: o Mosteiro dos Jerônimos. Isto se explica, contudo. Sua construção foi iniciada no reinado de D. Manuel e continuou até bem pouco tempo, sendo concluído sob o reinado de D. João III, recém-falecido. Os estilos se cruzam, se misturam, chamando a atenção dos conhecedores. De qualquer modo, é um monumento que honra os dois reis.



Carlos V abdicou!

Bruxelas, 16, janeiro, 1556

Recordando com orgulho suas vitórias e sua vida de cavaleiro errante através dos reinos dispersos, Carlos V, em lágrimas, abdicou às coroas da Espanha, com suas colônias americanas, e da Itália, em favor de seu filho Filipe, a quem já havia entregue a dos Países-Baixos, o ano passado. A coroa imperial foi reservada para seu irmão Fernando.

Carlos V pretende retirar-se agora para um lugar onde possa descansar, pois sua saúde vem preocupando seus familiares e amigos, que temem até que ele seja atacado da mesma doença de sua mãe Joana, a louca.

A gravura, que só o esforço do nosso correspondente tornou possível, reproduz o momento exato em que Carlos V deixa o recinto e recebe as reverências dos presentes. Junto ao trono vê-se o novo rei Filipe II, recebendo cumprimentos, e, mais ao fundo, Maria, irmã de Carlos V.

A assistência, composta de representantes dos Estados ge-

rais e da ordem de Toison, chorou quando o imperador transmitiu ao filho as suas funções.

Juntamente com Francisco I e Henrique VIII, Carlos V, em lágrimas, abdicou às coroas da Espanha, com suas colônias americanas, e da Itália, em favor de seu filho Filipe, a quem já havia entregue a dos Países-Baixos, o ano passado. A coroa imperial foi reservada para seu irmão Fernando.



O futuro imperador Fernando I, numa gravura de Lautensack, especial para O BRASIL EM JORNAL

Polícia internacional

A invasão francesa no Brasil aí está, para mostrar a todos, até onde vai a incompreensão e a desarmonia entre as nações. Seus aspectos ilegais nós já os revelamos e não é a eles que pretendemos voltar, agora.

Há algum tempo, o embaixador português no Vaticano entabulou negociações para que se criasse uma força de defesa dos domínios católicos em todo o mundo. Mas as gestões, sob a crítica de que se tratava de um acôrdo prejudicial à soberania do país, foram esquecidas. É para este ponto que pedimos a atenção do leitor: o Papa, autoridade espiritual, passaria a ter o poder de decidir, materialmente, tôdas as questões internacionais que significassem ameaça à fé religiosa.

Não vamos, aqui, discutir o aspecto moral e filosófico de cada religião de per si, a fim de optar por uma delas. Nossas convicções talvez não interessassem ao leitor. Apenas, e isso é incontestável nos entendimentos entre Portugal e a Santa Sé, lançou-se uma semente que os homens de boa-vontade deviam fazer germinar.

Fique cada um com sua religião. A guerra, pelo simples desejo de se impor uma doutrina, qualquer que seja, boa ou má, foi, é e sempre será uma iniquidade.

A boa inteligência dos interesses humanos pode custar, mas acaba prevalecendo ao final.

No caso do Brasil, argumenta-se que, além do aspecto anti-social da luta que os franceses moveram aos portugueses, há outro perigo mais grave: os invasores introduziram no país suas dúvidas religiosas, suas angústias, suas inseguranças. Os índios estavam sendo catequizados à Fé de Cristo. Agora, com os reformados em suas fronteiras, possivelmente farão, também, as mesmas indagações que intranquilizam os protestantes. Antes mesmo de terem alguma religião, necessária, hão de fazer a escolha entre as que lhes propõem os homens civilizados.

Este é o argumento dos mais ciosos em fazer que os selvagens possam incorporar-se, pela crença em Deus, à família universal.

Mas não é tudo para nós. O que os homens deviam aproveitar, nesse momento crucial, é o germe de uma idéia, para porem-se de acôrdo.

Pelos perigos que representa, pelos sacrificios que exige e pelas misérias que acrescenta, a guerra tem de ser proibida, inclusive pela própria força. Como alcançar isso, se o Papa já não consegue, com seu poder, fazer que os homens se entendam? Como, portanto, pacificar a humanidade? A nosso ver, só acolhendo a idéia portuguesa: criando-se uma força de polícia, integrada por tôdas as nações católicas e protestantes, grandes e pequenas, e prestigiada pela obediência de cada uma às decisões coletivas. Sem isso, guerra sempre será guerra. Nós poderemos combatê-la, mas nunca teremos esperança de vê-la desaparecer como o pesadelo de uma época em que os homens temiam a Deus, mas não acreditavam muito na generosidade e no poder divinos.

Expansão russa

Moscú, 1556

A Rússia prossegue com seu plano de expansão, tendo conseguido, depois de quatro anos da tomada de Kazan, apoderar-se de Astrakan, dominando, assim, todo o curso do Volga e abrindo caminho em direção a este e sudeste.

É portanto uma época decisiva para a história da formação territorial do país. Sua superfície cresce em grandes proporções e, enquanto o Cáspio já foi atingido, mais ao norte os russos aproximam-se do Ural.

A MODA COMO ELA É



Apesar da influência dominante da moda espanhola nos anos que correm, a França de Henrique II e de Catarina de Medicis também se esforça em competir em bom-gosto, se bem predomine a austeridade com a restrição do uso de sêdas e veludos. Preferência das cores escuras.

Damos desta vez para nossos leitores dois modelos de sapatos, o mais simples usado na primeira metade deste século XVI e o outro, acolchoado em couro, com enfeites de pérolas, está em moda atualmente. São calçados para cavalheiros. As damas usam saltos altos.

CHANTAGEM ESTÁ DE LUTO: MORREU ARETINO

Veneza, 21, outubro, 1556

A honra e a reputação dos homens e das mulheres da Itália já podem descansar tranquilas: morreu, hoje, nesta cidade, Pedro Aretino, o mais temido e adulado dos críticos e jornalistas de nossa época.

Aretino, pelo ímpeto de sua pena e falta de escrúpulos em sua maneira de agir, tornou-se, com proteção dos grandes (que mais o temiam do que estimavam), a mais poderosa personalidade dos meios artísticos e intelectuais italianos.

Formou com o pintor Ticiano e o escultor Sansovino, um triunvirato que há um quarto de século, vinha exercendo verdadeira ditadura nas artes e nas letras venezianas e de outras cidades.

O poeta da chantagem e publicista insolente, «O Infame» como alguns o chamavam, morreu aos 64 anos, longo tempo para quem sempre quis viver perigosamente. Tudo tentou, sendo considerado bom poeta e pintor de razoáveis recursos. As injúrias, calúnias e ofensas ímorais, algumas chegando à mais baixa obscenidade, foram o seu forte e valeram-lhe a expulsão de vários lugares, inclusive da própria Roma. Os poderosos o temiam e disputavam, dando-lhe a garantia de que precisou para manter uma vida de licenciosidade e luxo até o fim de seus dias.

Um dos poucos homens que enfrentou e glosou Aretino, como noticiamos em número anterior, foi o grande escultor e pintor Miguel Angelo.

ÊSTE É O INIMIGO

Não só os franceses preocupam os portugueses em sua missão de ocupar e colonizar o Brasil. Um outro inimigo existe, inimigo terrível já apontado por Manuel da Nóbrega em edição anterior de O BRASIL EM JORNAL.

É desse inimigo que reproduzimos hoje uma composição do nosso desenhista da sucursal de Salvador, tal qual ele viu a ação da terrível saúva sobre o Brasil.



DECORAÇÃO



Apresentamos aos nossos leitores um dos mais importantes componentes de uma mesa bem posta, de gente de boa estirpe e bom-gosto — o saleiro.

Peça de importante papel, é geralmente colocada em frente ao chefe da mesa e serve como marco na colocação dos convidados, segundo sua importância. Tem o saleiro sua história, constituindo, na antiguidade, oferenda aos deuses gregos e romanos, o que explica terem sido sempre isentados nas proibições de emprêgo de metais preciosos, para determinados fins. A semelhança exterior do sal com o perigoso arsênico faz com que os grandes senhores guardem seus saleiros sob sete chaves.

O exemplar que reproduzimos é do melhor estilo renascentista e, pelo luxo e exuberante riqueza com que foi feito, deveria mesmo ser considerado mais um recipiente para a guarda de um produto precioso do que um simples equilibrador de paladares...

O REINADO DE LADY JANE

Como um jornal que é, O BRASIL EM JORNAL está sujeito aos erros comuns a todos os jornais. Sempre que localizados esses erros, fazemos a sua retificação com a maior urgência possível. Um leitor do Brasil nos escreveu sobre o noticiário a respeito de Lady Jane Gray, a meteórica rainha da Inglaterra. De fato, dissemos na primeira página do nº 16: «...o meteórico reinado de 20 dias de Lady Jane Gray...», enquanto, na página 5, afirmávamos: «...Rainha por 9 dias — ...Uma coroa que usou somente nove dias...».

O leitor brasileiro pergunta: afinal, foram vinte ou nove dias? E nós nos apressamos a responder: 9 dias e não 20, como erradamente saiu na primeira página.

O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
Grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretários
RUBEM AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
ADAIL

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

MORREU OVIEDO

Espanha, 1557 (Do correspondente)

O geógrafo e naturalista da América, Gonzalo Fernandez Oviedo, morreu este ano. É sensível a perda para as letras espanholas e americanas por ter sido Oviedo autor de obras de extraordinário valor científico, independente do seu aspecto filosófico e político.

Sua contribuição à geografia, com a descrição minuciosa da natureza americana, é inestimável. Na parte política e social de seu «Sumário de la natural História de las Indias» (1526) e de sua «História general y natural de las Indias» (1549), complementação da primeira, procurou também o grande escritor, justificar a política imperial de Carlos V, defendendo o conquistador espanhol e fazendo dele o instrumento do imperador para a criação de um vasto império católico e universal.

RONCARD

Pierre Ronsard publicou este ano (1557) o terceiro livro de seus «Amores», agora dedicado a Helena, dama-de-honra de Catarina de Médicis. São os chamados «Sonetos para Helena», que a crítica recebeu com elogios, talvez desnecessários por já estar o grande poeta consagrado como um dos maiores vultos da literatura contemporânea.

DOCTRINA

É de autoria do escritor Matias Flacius Illyricus a obra «Catalogus testium veritatis». Trata-se de catalogação de todas as obras e doutrinas que, antes de Lutero, se manifestaram em defesa de uma doutrinação evangélica e contrária à Igreja Católica.»

A GUERRA NA EUROPA

PAZ À ÚLTIMA HORA
SALVOU ROMA E O PAPA

Roma, 7, setembro, 1556 (Do correspondente de guerra nas linhas de frente)

Depois de reiteradas ordens de Filipe II, novo rei da Espanha, o duque de Alba, que não queria guerrear contra o Papa, deixou Nápoles, à frente de 12 mil homens, e marcha sobre esta cidade. Roma está em pânico com a notícia da guerra.

A chegada do cardeal Carafa, vindo hoje de França com 1.500 infantas e 300 mil escudos, trouxe um certo alento ao Papa, mas durou pouco, pois quando foram passadas em revista as forças papais, verificou-se que dos 17 mil recrutados, apenas nove mil se apresentaram.

ANAGNI CAIU

Roma, 15, setembro, 1556 — Os imperiais avançaram e Anagni caiu hoje em suas mãos. Um partido pela paz se formou, mas o Papa, que pensava em negociação, desistiu da idéia, ao saber das condições do duque de Alba. Paulo IV, para dar o exemplo, determinou aos monges trabalhar nas fortificações e nas trincheiras em volta da cidade.

OSTIA CERCADO

Roma, 18, novembro, 1556 — Um pouco de ânimo havia invadido a cidade com a entrada de Montluc com 300 infantas assalariadas, na maior parte luteranos. O Papa humilhado viu chegar os defensores que são inimigos da missa e dos ritos católicos. Este acontecimento foi logo ofuscado pela notícia de que o pôrto de Ostia estava cercado desde o dia 8. Carlo Carafa recomendou a paz, mas o Papa não concordou.

TREGUAS DE 40 DIAS

Roma, 30, novembro, 1556 — Carlo Carafa e o duque de Alba se encontraram em uma ilha do Tigre, perto de Ostia, no dia 24 e, no dia 27, em consistório secreto, ficou estabelecida uma trégua de 40 dias a terminar a 9 de janeiro próximo. Carafa, fazendo duplo jôgo, disse aos franceses que

procurava ganhar tempo para aguardar a sua chegada. Ao duque de Alba ofereceu a paz, na esperança de que Filipe, de Siena a sua família, a título de principado independente.

FRANÇA ENTRA NA GUERRA

Roma, 13, fevereiro, 1557 — O Papa conseguiu, por intermédio de seu enviado Jules Orsini, que Henrique II declarasse guerra a Filipe, rompendo assim a trégua de cinco anos assinada em Vaucelles a 3 de fevereiro do ano passado. Oficialmente não existia guerra entre França e Espanha, já que a ajuda francesa ao Papa consistia, por um artifício diplomático, em operações privadas. A guerra foi declarada na Itália e em Flandres, depois de terminados os 40 dias da última trégua, no dia 8 de janeiro.

Já no dia 10, Laurent Strozzi retomava Ostia, depois Tivoli, Vivocaro e os portos pontificais. Mais animado, o Papa formou ontem um tribunal eclesiástico encarregado de julgar o imperador e seu filho por «felonia e rebelião contra o pontífice e a Sé Apostólica». Mas na manhã de hoje, quando o tribunal se reuniu, todos os juizes foram unânimes em suspender o processo.

GUISE CHEGOU

Roma, 2, março, 1557 — Um fato veio modificar hoje a face

dos acontecimentos. O cardeal Carafa, que havia deixado Veneza no dia 12 de janeiro e encontrado as tropas francesas de socorro na estrada, fez sua entrada nesta cidade com Francisco de Guise. Abandonou, assim, seu duplo jôgo e decidiu-se marchar com a França. Guise foi recebido como um salvador.

As coisas, no entanto, não melhoraram, pois Carlo Carafa não encontrou a mesma situação que tinha antes de partir. Seus irmãos, enciumados, passaram a persegui-lo. O duque de Guise, por sua vez, não conseguiu tomar Civitella, apesar do cerco de quase um mês.

DERROTA DE SAINT-QUENTIN

Roma, 27, agosto, 1557 — Estourou como uma bomba nesta cidade a notícia da fragorosa derrota dos franceses em Saint-Quentin, no dia 10. O fracasso foi total: Montmorency foi feito prisioneiro, Saint-Quentin cercado e até a França está em perigo. Francisco de Guise comunicou ao Papa que recebeu ordem do rei para regressar e defender o país contra a invasão.

O duque de Alba está junto aos muros de Roma, com 15 mil infantas e dois mil cavalos, com escadas para assalto e todas as máquinas de guerra. Felizmente o cardeal Carafa colocou a cidade em estado de defesa. Diz-se aqui que o duque de Alba é capaz de recuar diante da catástrofe que pode provocar na Cidade Santa.

ASSINADA A PAZ

Cavi (próximo a Palestrina), 13, setembro, 1557 — O cardeal Carafa transportou-se

para conferenciar aqui com o duque de Alba no dia 8, tendo no dia seguinte enviado mensagem ao Papa, que acabou assinando a paz hoje. O BRASIL EM JORNAL conseguiu descobrir um acôrdo secreto assinado entre o cardeal Carafa e Filipe II, segundo o qual Paliano ficaria à disposição do rei da Espanha, mas João Carafa receberia uma indenização conveniente.

ENTRADA SOLENE

Roma, 20, setembro, 1557 — O duque de Alba fez na noite de ontem sua entrada triunfal nesta cidade, tributando homenagens (por ordem de Filipe) a Paulo IV e solicitando reconciliação da Santa Sé com a Espanha. O Papa o recebeu muito bem, retribuindo as amabilidades.

SOLDADO
-POETA
EXILADO
EM MACAU



BARRETO

Exilou o soldado Camões

Macau, China, 1556

O soldado-poeta, motivo de alguns escândalos em Goa, em virtude de suas desinteligências com o governador português da Índia, sr. Francisco Barreto, chegou a esta cidade para cumprir a pena de exílio.

Trata-se, como já divulgamos em números anteriores, de Luís de Camões, um moço de aproximadamente 30 anos de idade.

Camões, que veio para servir numa feitoria portuguesa aqui existente, escreveu em Goa alguns versos satirizando as malversações de dinheiros públicos por parte de Barreto, o que desagradou ao governador. Revelou-se também que o poeta-soldado é indivíduo dado a certas aventuras amorosas e, por isso, já passou por maus momentos em Portugal. Fala-se mesmo que ele, ainda rapazola, escreveu em Lisboa versos de amor dedicados a Catarina de Ataíde, irmã do favorito do rei D. João III, sr. Antônio de Ataíde.

JORNAL ECONÔMICO

A EUROPA EM BANCARROTA

Os meios econômicos estão assustados com a grave crise financeira que surgiu na Europa e cujas consequências são de extensão imprevisível. A situação foi criada pela guerra, pois os soberanos foram obrigados a pedir emprestadas grandes somas e agora não podem pagá-las.

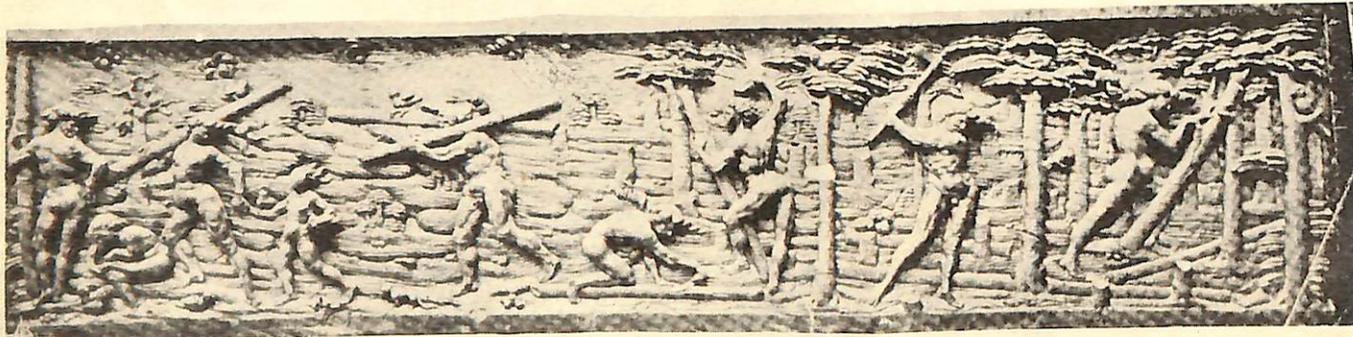
Os Habsburgos da Espanha, que apresentaram um déficit de cerca de 20 milhões de ducados, entraram em bancarrota. Foram suspensos os pagamentos e proibida a exportação de ouro, em especial a dos 750 mil ducados que os banqueiros Fuggers esperavam em Antuérpia. Os juros, de 10% e 14% contra rendas do Estado, passaram para 5%. Até o fato de as tropas imperiais não terem entrado em Paris tem como causa a precária situação financeira do império.

O rei da França, por sua vez, após a derrota de Saint-Quentin, só pôde pagar uma parte dos juros das importâncias que pedira emprestado. Todas as casas bancárias estão abaladas. Notícias da Antuérpia e da Alemanha do Sul informam que as falências estão se multiplicando.

BAHIA

Entre impostos de pescado, plantio de algodão e mandioca, aproveitamento do açúcar etc., os rendimentos da coroa portuguesa na Bahia sobem a 80 mil cruzados por ano.

A produção de açúcar nesta capitania é de cerca de 150 arrôbas anuais, vendidas a um cruzado a arrôba.



«PAU BRASIL» — Riqueza em corte e transporte

Portugal perde rei e ganha uma regente

Lisboa, 12, junho, 1557 — URGENTE

Hoje, sábado, esta cidade amanheceu em prantos: morreu o rei D. João III, depois de 36 anos de reinado, e pouco mais de 55 de idade.

Há tempos, o monarca, sentindo-se cansado e neurastênico, transferiu todos os poderes à rainha, D. Catarina, que era, ultimamente quem governava de fato.

Ontem, por volta de meia-noite, D. João III sentiu-se mal. A rainha, pressentindo o pior, só teve tempo de chamar um sacerdote para seus últimos momentos. Pouco depois de meia-noite, cercado pela família, o rei expirou plácidamente.

D. João III, a quem coube tomar medidas importantíssimas na defesa de seus vastos domínios, desapareceu num momento crucial para o país: o Brasil está ameaçado pela dominação francesa e por um cisma religioso, que êle era tão cioso em reprimir.

O rei morto, que tinha como divisa a Cruz de Cristo sobre um penhasco de cinco pontas com a legenda «in hoc signo vinces», foi um fiel servidor da Igreja, embora, algumas vezes, devesse ter lutado para obter do Papa medidas que julgou indispensáveis para reinar, co-

Morreu Cartier

Saint Malo, 1557 (Do correspondente)

Já sexagenário, morreu nesta cidade o navegador francês Jacques Cartier, conhecido pelas viagens que fez ao Canadá, no reinado de Francisco I, com o fito de descobrir ouro e uma passagem no norte da América que permitisse a navegação para o Oriente.



Foram três as viagens de Cartier. Na primeira (1534) indicado pelo conselheiro do rei, La Veneur, para o comando da expedição, Cartier atingiu a região que denominou Nova França, após penosa viagem de 137 dias. Tomou posse da nova terra em nome do rei de França. Na segunda, (1535) Cartier conseguiu navegar pelo rio S. Lourenço, em busca do «cobre vermelho» (ouro), na região que os índios denominavam Sanguenay. Batizou com o nome de Mont Real a região de Hochelaga (nome indígena) não tendo, no entanto, descoberto ouro.

A última expedição em que tomou parte (1540) foi comandada por Jean François de la Rocque, senhor de Roberval, aventureiro que gozava de prestígio junto a Francisco I. Coube a Cartier lugar secundário no comando da expedição (capitão e piloto-mestre), apesar de sua reconhecida experiência no assunto. Redundou em verdadeiro fracasso essa nova tentativa de colonização do Canadá pelo governo francês. Os remanescentes, localizados na cidade de France-Roy-Sur-Prime, fundada por Roberval, foram repatriados, a mando de Francisco I, em 1543. De Cartier, que voltara antes, nada se soube desde então, exceto a sua morte, que estamos agora registrando.

O BRASIL EM JORNAL acompanhou passo a passo a carreira do famoso capitão.

mo no caso da inquisição oficial.

SESSÃO HISTÓRICA

Lisboa, 14, junho, 1557 — (URGENTE)

Reunidos no Paço da cidade, o cardeal D. Henrique, irmão

de D. João III, a rainha D. Catarina, os sobrinhos do ex-rei, os duques de Aveiro e Bragança, o arcebispo de Lisboa, os vedores da Fazenda, o secretário de Estado (Pedro de Alcáçova Carneiro) e outras autoridades, ficou acertado o rumo a se tomar na sucessão do trono.

Embora D. João III não tivesse deixado testamento, o secretário de Estado declarou que havia, em poder do chanceler-mor, dr. Gaspar de Carvalho, apontamentos da última vontade do monarca.

Segundo tais apontamentos, a regência seria entregue a D. Catarina com a audiência dos três vereadores de Lisboa.

Os vereadores foram ouvidos, ontem, e discordaram. Assentou-se de consultar o Senado de Lisboa, hoje.

A sessão foi presidida pela rainha, que pediu ao cardeal D. Henrique que esclarecesse os presentes sobre os motivos da reunião.

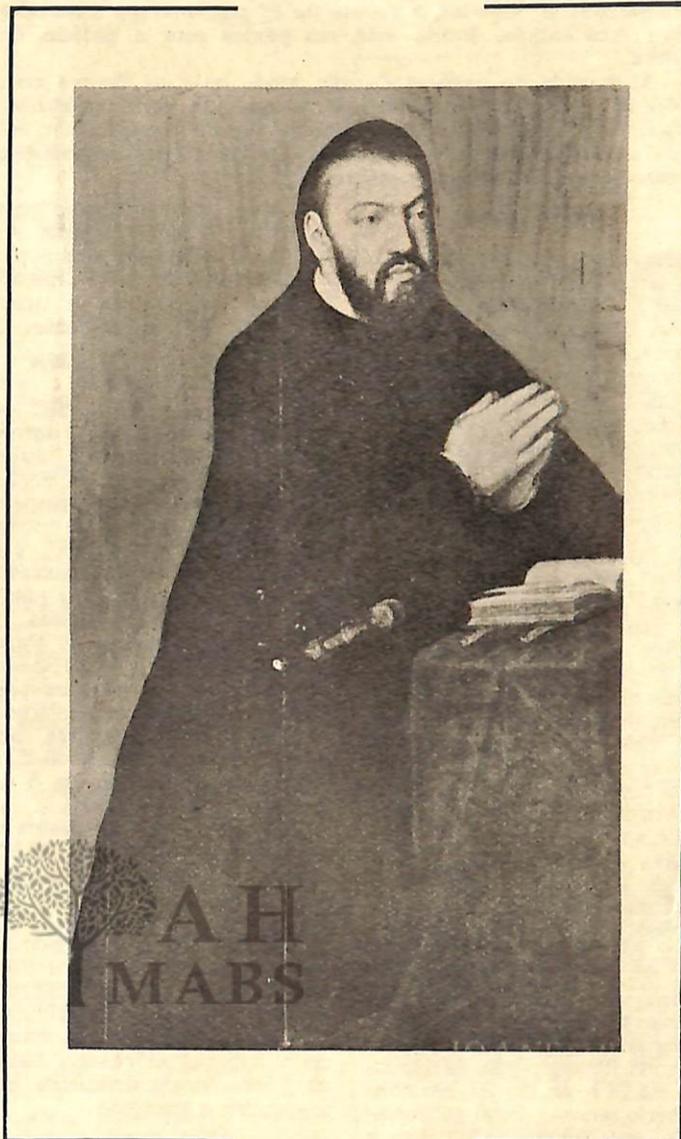
Foi lida a declaração atribuída a D. João III, mandando que a regência fosse entregue a D. Catarina, enquanto o príncipezinho Sebastião não completar 20 anos.

Tomando a palavra, D. Catarina pediu que o cardeal D. Henrique a ajudasse a satisfazer a vontade do rei, o que, segundo o secretário Pedro de Alcáçova Carneiro, era mesmo o desejo de D. João III.

«Pois se esta foi a vontade de meu irmão, declarou o cardeal, e se isso servir para a grandeza de Portugal e de Deus, eu procurarei ajudar na maneira que puder».

Aparentemente, fala-se, não houve grande desinteligência pelo fato de o poder passar às mãos da rainha que é espanhola. Mas só aparentemente, pois, na opinião dos entendidos, é provável que surjam inúmeras questões até que prevaleça a vontade da ala nacionalista, liderada pelo próprio cardeal D. Henrique, inimigo dos espanhóis.

Por duas vezes Portugal correu perigo de anexação à Espanha: uma, quando morreu D. Fernando, em 1383, e o poder esteve para ser entregue à princesa Beatriz, casada com o rei espanhol D. João I; outra, quando o rei português, D. Duarte, morto em 1438, passou a regência à rainha viúva, a princesa de Aragão, D. Leonor. Para o povo, a regência, entregue à espanhóisíssima D. Catarina, não é de bom augúrio.



D. JOÃO III
Rei morto, regente posta

EM SOCIEDADE

Cellini esteve em maus lençóis por ocasião da feitura da sua obra-prima — O Perseu — da qual publicamos noticiário e gravura na edição anterior. Este colunista procurando interpretar os motivos das declarações de Benevenuto Cellini ao O BRASIL EM JORNAL, apurou coisas gravíssimas.

Os leitores recordam que o gênio do cinzel, doublé de criminoso confesso, referindo-se ao término da obra disse: — «Foi uma verdadeira maravilha que não haja faltado metal para nenhuma das partes. Parece um milagre».

E sabem porque disse isso Cellini? Simplesmente porque — apuramos — tendo recebido do nobre Cosme de Médici dinheiro para comprar do melhor metal que pudesse conseguir para a execução da obra, se apropriou da maior parte desse dinheiro e, com o pouco restante, adquiriu o pior metal que havia em Florença...

Com isso ganhava uma fortuna. No entanto, o tiro saiu pela culatra, uma vez que, quando a obra estava quase terminada, começou a enferrujar... Cellini apavorado com as consequências do seu ato vendeu então tudo que tinha, tomou dinheiro dos amigos, surripou o que pôde de pessoas ricas de suas relações e, com

o produto, comprou o excelente metal de que precisava.

Per isso, quando, falou a O BRASIL EM JORNAL, qualificou de milagre o fato de ter esse metal bastado para concluir a verdadeira obra, o segundo e monumental Perseu...

Parece que o gênio do cinzel não tem jeito mesmo...

Henrique II e sua favorita Diana de Poitiers tiveram uma séria desinteligência, que só foi contornada graças à habilidade da favorita e ao amor do rei. Esta notícia e os detalhes que vamos dar receberão os desmentidos de praxe, mas respondemos pela sua veracidade, pois foi um dos personagens envolvidos no incidente quem nos contou.

Diana e os Gules estavam contra a paz de Vaucelles, pois queriam a continuação de uma guerra da qual esperavam glória e proveito. Ela mesma se encarregou de exigir do rei o rompimento do pacto e, como não conseguisse, ameaçou: — Esteja seguro que durante muitos dias você não verá meu rosto, e salu batendo a porta.

Henrique II, então, para espalpar procurou a graciosa baronesa Nicole de Savigny,

que, aliás, ficou muito honrada com a escolha.

Mas Diana, prevenida pela sua polícia secreta, voltou às pressas e com algumas palavras e um sorriso fez com que o rei até lhe pedisse desculpas. Pazes feitas, ela tratou então de conseguir o seu objetivo. O resultado todos sabem: a paz de Vaucelles foi rompida...

Na solenidade de abdicação de Carlos V, em Bruxelas, o cardeal de Granvelle teve que falar em nome de Filipe II. Motivo: o novo rei só fala espanhol.

A viúva Caramuru, sra. Catarina Correia, «née» Paraguaçu, surpreendeu a todos, no sepultamento de seu marido: ela não conhece uma única palavra em português, apesar de ter sido casada com Diogo Álvares por muitos anos. Segundo os que compareceram às exéquias de Caramuru, a numerosa prole do valioso auxiliar dos colonos também mal fala o português.

Um soneto vindo da Índia causou grande mal-estar em Portugal. Seu autor é o poeta-soldado Luís de Camões, que já tem figurado no noticiário policial de vários jornais. O soneto, muito bonito, para muitos foi inspirado pela sra.

Catarina de Ataíde, já que na dedicatória o poeta pôs seu nome em anagrama: «Natércia». Nosso correspondente na Ásia pode, todavia, informar que não é nada disso: a musa do poeta foi uma chinezinha já morta, Dinamene.

Quando, em dezembro último, se concretizou a ida da infanta portuguesa D. Maria para a Espanha, o povo se exacerbou e chegou a preocupar os poderes da regente Catarina.

D. Maria, filha de D. Manuel de Portugal com a princesa espanhola D. Leonor, nasceu portuguesa, criou-se em Portugal e logo que seu pai morreu nunca mais viu sua mãe, que voltou para a Espanha. Antes, dizia-se que D. João III não queria que sua meia-irmã voltasse à companhia da mãe para não ter de desembolsar 400 mil dobras de ouro, seu dote.

A princesinha, para deixar o país, teve de jurar que voltaria breve.

Sobre o envio de cinco franczinhas, para casar-se no Rio de Janeiro (agora Henriville) disse-nos um comerciante francês recém-chegado daquela cidade: «Antes, não havia mulheres e os homens zangavam-se. Agora, pelo que vi, apesar das 5 moças, a confusão aumentou. Os solteiros da capital reclamam: a mandar apenas cinco

noivas era melhor não mandar nenhuma.»

Quem casar com as filhas do cientista português Pedro Nunes terá bom emprego oferecido pelo rei de Portugal.

A notícia foi divulgada oficialmente e logo despertou enorme curiosidade. Nunes tem duas filhas já ultrapassando a idade de casar e o soberano português, em vista dos bons serviços prestados pelo cientista ao país, intercedeu como Cupido. Assim, baixou, agora, em 1557, um decreto fixando as regalias para os que quiserem habilitar-se ao casamento com as solteiras.

Uma conhecida autoridade em acontecimentos mundanos disse-nos, contudo, que, apesar da ajuda real, as filhas de Pedro Nunes devem continuar solteiras. Trata-se, explicou-nos êle, de pessoas de comportamento escandaloso na corte e homens de bons princípios dificilmente trocarão sua liberdade por um emprego de futuro, mas com um casamento desvantajoso de contrapêso.

Um musicista ilustre, de Paris, dizia-nos, outro dia, que leu o livro que Vicente Lusitano lançou em 1553, em Pádua. Comentário do nosso amigo: «O livro é muito bom, mas eu sempre me esqueço de seu título que — é só o que guardo — se compõe de 38 palavras.»

Companhia de Jesus perde grande chefe

Roma, 31, julho, 1556

Exatamente às 6,45 de hoje, na presença do padre Madrid e do mestre André Frusius, morreu o homem cuja obra foi o maior instrumento de ação da Igreja católica, até nossos dias: Inácio de Lolola, fundador da Companhia de Jesus e salvador da fé católica, tão ameaçada ultimamente.

Lolola caiu doente no dia 1º deste mês, mas ninguém atribuiu gravidade ao mal. Ontem, ele anunciou que ia morrer e os médicos não acreditaram. Seu grande consolo foi poder ver o êxito de sua obra, que já conta com 101 casas repartidas em 12 províncias e cerca de 1.500 discípulos espalhados por quase todos os continentes.

Há 15 anos vinha dirigindo a sua Companhia de Jesus, cuja fundação custou-lhe os maiores sacrifícios, quase sempre não compreendidos.

A sua vida foi uma incansável luta contra a heresia, encaminhando vocações e catequizando infiéis. Nascido em Lolola, em fins de 1491, Inácio era filho de Beltrán Yáñez de Oñaz e de Maria Sáenz de Licona. De sua raça vasca, herdou o fervor apaixonado, o ímpeto religioso e a visão universal.

Em seus primeiros anos foi pajem na corte do Rei Católico, tendo em seguida, na casa de João Velázquez de Cuéllar, contador-maior dos reis, recebido educação para as armas. Ferido em Pamplona, no dia 20 de maio de 1521, começou a ler e meditar, no leito de doente, sobre a vida de Cristo e dos santos. Começava então uma nova carreira que o levaria ao posto mais alto da Companhia de Jesus.

Sob a influência da mística dominicana e num ambiente de meditação e arrependimento, concebeu e escreveu em Manresa e Montserrat, os «Exercícios Espirituais», o livro mais importante do catolicismo, segundo opinião unânime.

Fracassado o projeto de missão entre os maometanos, depois da viagem a Jerusalém, Lolola baseou seu programa no ativismo da alma. O Santo Ofício, temendo suas atividades, denunciou-o em Alcalá como «alumbrado». Foi detido em Salamanca e, quando o proibiram de ensinar, passou à França para completar sua formação teológica na Sorbonne.

Ao lado de seus estudos nos colégios de Montaigu e de Sainte-Barbe, continuava seu trabalho de proselitista e da organização de um pequeno cenáculo religioso. A atração de sua poderosa personalidade e a prática dos «Exercícios» reuniram ao seu redor seis colegas que com ele fundaram a primeira célula da futura «Societas» católica.

No dia 15 de maio de 1534, na capela de São Dionísio, em Montmartre, propuseram-se a cumprir o programa básico: conversão dos muçulmanos e prática das virtudes monásticas. Se fosse impossível passar a Jerusalém, pôr-se-iam ao serviço do Papado.

Depois de voltar à Espanha, foi para Roma, onde entrou em contato com o cardeal Carafa, a quem expôs o desejo de formar uma ordem independente, a «Societas Iesu», para defesa da



LOIOLA
Agora, na companhia de Jesus...

Igreja ameaçada pelo protestantismo, cuja agressão ele julgava mais perigosa do que a do Islam.

O exemplo que ele e seus companheiros deram por ocasião da fome que se abateu sobre a cidade, atraiu a simpatia de todos. Depois de um ano e meio de ordenado, celebrou a sua primeira missa no dia 25 de dezembro de 1538. A 24 de junho de 1539, Lolola resumiu em cinco artigos os propósitos essenciais da ordem que acabava de fundar, os quais foram aprovados oralmente a 3 de setembro do mesmo ano e, mais tarde, a 27 de setembro de 1540 pela bula «Regimini militantis Ecclesiae», sobre a qual falamos (como sempre o fizemos sobre tudo que se refere à Companhia de Jesus) no número 7.

LAYNEZ, GERAL

Roma, agosto, 1556 (Do correspondente) — Diego Laynez, um

dos companheiros de Lolola na fundação da Companhia de Jesus, foi encarregado de recolher a gloriosa herança do jesuíta recém-falecido. Assim, até que se proceda a uma nova eleição, o espanhol Laynez é o novo geral da Companhia.

OS LUSOS GANHAM CIDADE CHINESA

Macau, China, 1557

Depois de muita hesitação, as autoridades chinesas desta cidade consentiram que os portugueses aqui se instalassem para fundar uma cidade à européia, com fortim e feitorias.

O acordo entre portugueses e chineses se deu em virtude de atos ousados do pirata oriental Chan-Silau virem dificultando a navegação ao largo dos mares chineses. As autoridades permitiram a fixação dos mercadores lusos com a condição de que estes eliminassem o filibusteiro.

Ao que se informa, o estabelecimento português na ilha Gaouxam virá incrementar sobremaneira as trocas comerciais entre Oriente e Ocidente.

A Cidade do Santo Nome de Deus de Macau será tipicamente comercial.

PROTESTANTISMO ESCOCÊS

Escócia, 3, dezembro, 1557

Os protestantes empenharam-se em um «Conforme» para procurar, sem reserva nem hesitação, o triunfo do Evangelho. Eles adotaram o Prayerbook de 1552.

FILIPA E NÃO FILIPE

O nome da mãe de Cláudio de Lorena, duque de Guise, é Filipa e não Filipe, como saiu publicado na matéria «Envenenado o Duque de Guise», do número 14 de O BRASIL EM JORNAL.

COLUNA MILITAR



LAMINAS DE SOLINGEN

Entram em grande voga, presentemente, as espadas de origem alemã, denominadas rapieiras, de lâminas longas e finas, apropriadas aos golpes de ponta. Seus copos variados não diferem dos das espadas comuns. As melhores dessas armas se fabricam em Solingen.

Não quis ser rajá morreu enfermeiro

Lisboa, 11, março, 1557

O homem que não quis ser rajá e que foi chamado, por seu extraordinário zelo de cristão, o «Apóstolo das Molucas», morreu hoje, miseravelmente, nesta cidade.

Antônio Galvão, escritor, navegador e colonizador português, passou sua mocidade na Índia, onde nasceu. Filho do cronista oficial de Portugal, sr. Duarte Galvão, foi, ao mesmo tempo, soldado e missionário. Por serviços prestados ao Império, nomearam-no governador das Molucas em 1536.

Venceu inúmeros reizes locais, consagrou-se à reorganização civil das ilhas e ajudou a desenvolver a agricultura e a di-

fundir a doutrina católica. Os habitantes de Ternate ofereceram-lhe o título de rajá, mas ele não o aceitou.

Em 1540, voltou a Portugal, coberto de renome. D. João III não lhe deu maiores atenções e Galvão teve de empregar-se como enfermeiro num hospital de Lisboa.

Durante as horas de descanso dedicou-se a contar a história dos feitos de seus compatriotas através do mundo. Escreveu um «Tratado dos diversos e desvalrados caminhos... por onde a pimenta e especiaria vieram da Índia às nossas partes» e uma «História das Molucas».

Seu executor testamentário disse-nos que tudo fará para publicar os livros de Galvão.

PINTURA

TINTORETO

Veneza, 1556 (Do correspondente)

Veneza exulta com a arte maravilhosa de seus grandes mestres de pintura, que não cessam de apresentar uma série estupenda de obras, notadamente Ticiano, Veronêse e Tintoreto.

Agora é Tintoreto (Jacó Robusti) quem entusiasma a crítica e o bom-gosto venezianos com seu «Apresentação de Marla ao Templo», do qual damos um detalhe aos nossos leitores.



NOVO TRIUNFO

Veneza, 1556 (Do correspondente)

Paulo Veronêse, que ainda não completou 30 anos, terminou mais um dos seus maravilhosos quadros, em que reafirma sua reputação de mestre consagrado pela unanimidade da crítica. A nova obra de Veronêse é «O triunfo de Mardoqueu», que reproduzimos para nossos leitores.



VERONÊSE GANHA CONCURSO

Veneza, 1556 (Do correspondente)

Um interessante concurso de pintura realizou-se nesta cidade, entre seis jovens artistas escolhidos para decorar os salões da biblioteca dirigida pelo famoso escultor Sansovino e destinada a guardar os preciosos manuscritos gregos legados a esta Sereníssima República pelo cardeal Besaron.

Os juizes deram a vitória ao genial jovem Paulo Veronêse, já consagrado pelo seu extraordinário talento artístico, e cujos quadros principais vimos reproduzindo para nossos leitores. No jurê, além de Sansovino, figurou o grande mestre da pintura de nossos dias, Ticiano. O prêmio foi um colar de ouro, colocado ao pescoço do vencedor pelo próprio Ticiano.



VERONÊSE

Auto-retrato a caçador

KNOX OUTRA VEZ EM GENEBRA



Genebra, julho, 1556

Fugindo às perseguições que lhe movem os católicos da Escócia, onde há dois anos vinha pregando e organizando comunidades calvinistas, João Knox chegou a esta cidade.

Na gravura reproduzimos um aspecto total da cidade governada com pulso de ferro por Calvino.

Complô espanhol contra Portugal

Lisboa, 12, outubro, 1557 — (Exclusivo)

Uma intriga bem urdida, envolvendo reis, rainhas, princesas e outros figurões, está pondo em perigo a soberania de Portugal e seus domínios em ultramar.

Embora os principais acontecimentos se passem em Lisboa, os cordões que movem os personagens da trama estão sendo manejados de Yuste, local onde se encontra o ex-imperador Carlos V, afastado do trono espanhol, mas em grande atividade, atrás dos bastidores.

Os repórteres de O BRASIL EM JORNAL, depois de interceptarem a correspondência entre o ex-imperador e seu agente secreto em Lisboa, podem, agora, em primeira mão e com absoluta exclusividade, revelar a existência de fatos gravíssimos: Carlos V quer unir Portugal à Espanha e para isso não poupará esforços.

Após a morte do rei de Portugal, D. João III, o horizonte político na península anuviou-se completamente. Por trás das cortinas, a rainha regente, D. Catarina, faz o jogo de seu irmão Carlos V. O novo soberano português, um menino de apenas 3 anos de idade, não goza de boa saúde. O ex-imperador acha viável e oportuno preparar o caminho para uma solução espanhola para os problemas dinásticos de Portugal.

D. Sebastião, a quem coube o trono, é o último herdeiro masculino em linha reta de D. João III. Do lado espanhol existem Filipe II, ora no trono da Espanha, e o filho deste com a infanta portuguesa. A morte do menino-rei deixaria Portugal à mercê de dominação estrangeira.

O imperador Carlos V, na emergência, resolveu enviar a Portugal um agente secreto, o sr. Francisco de Borja. Foi combinado até o sistema cifrado que ambos usariam em sua correspondência. Assim, para não despertar suspeitas, Portugal e Castela se denominariam, respectivamente, Perpignan e Milão. Os personagens se chamariam Micer Agustino (Carlos V), Santiago de Madri (Filipe II), Catarina Diez (a rainha viúva Catarina), Sebastião Diez (o menino-rei), João Diez (o falecido rei D. João III), Carrilho Sanchez (o cardeal D. Henrique, tio-avô do rei Sebastião), Maria Sanchez (a infanta Maria, filha do último casamento de D. Manuel),



CATARINA REGENTE

Futuro sombrio para Portugal

João Alvarez (embaixador da Espanha em Portugal), Francisco Alvarez (embaixador da França em Portugal) e Pedro Sanchez, o agente secreto de Carlos V. O agente secreto avistou-se com a rainha regente, pondo-a a par das maquinações. Na carta

em que avisa ao ex-imperador do que se passou no encontro com a rainha, Borja diz que ela estava muito satisfeita com o interesse do irmão pelas coisas de Portugal. Chegou mesmo a pedir que a orientasse em suas ações.

Princesa engana exército e foge com duas filhas

Roma, 1557

Joana de Aragão, a princesa cuja beleza os poetas não cansaram de exaltar, (veja a nossa edição de 1547, seção Em Sociedade), mostrou que possui uma outra qualidade excepcional: a coragem.

Mantida como refém pelas tropas francesas duran-



te a recente guerra entre França e Espanha, Joana, aproveitando a trégua, burlou a vigilância dos guardas e saiu de Roma com suas duas filhas, a pé, fingindo que ia passear nos arredores.

Caminhou até que a sentinela da porta da cidade a perdeu de vista. Montou, então, a cavalo com as filhas e partiu em direção ao campo onde se encontrava o duque de Alba, que a recebeu com alegria e surpresa. O general espanhol só encontrou uma justificativa para sua bravura: ela tinha sido conduzida pelo amor maternal.

Em seguida, como a idade das meninas não permitia que elas ficassem no campo de guerra, o duque de Alba mandou que levassem Joana e as crianças para um lugar seguro, escoltadas por um esquadrão de cavaleiros que o general espanhol deu «sômente por honra — como êle mesmo frisou — e não por necessidade».

INQUISIÇÃO NA FRANÇA

Paris, 24, julho, 1557

Henrique II publicou hoje um edito, chamado de Compiègne, que estabelece a Inquisição na França, tendo em vista «as heresias e falsas doutrinas que pululam», como disse em carta datada de 13 de fevereiro, a seu embaixador Odet de Selve, encarregando-o de pedir permissão ao Papa.

No dia 25 de abril, Paulo IV já conferia o título de grandes inquisidores em França aos três cardeais que fazem parte do conselho real: Bourbon, Lorraine e Châtillon. Este último é irmão de Coligny e de Andelot, que foram secretamente conquistados ao calvinismo. A atitude do rei surpreendeu a todos, pois já havia recusado, pelo menos, duas propostas nesse sentido: a do núncio em Paris, Gualtério, logo após a trégua de Vaucelles, e a do cardeal Carafa quando, no verão passado, veio ultimá-la aliança contra a Espanha. A resposta de Henrique II ao desejo do Papa de estabelecer a Inquisição foi então: «Os Estados de meu reino não querem receber, aprovar ou observar a Inquisição».

O edito de Compiègne entrega a juízes eclesiásticos o que era confiado aos juízes civis, ao mesmo tempo que lhes tira o direito de escolha da pena, pois só há uma: morte, «sem que nossos juízes possam moderá-la», segundo estabelece o parágrafo 4 do edito.

MORREU QUARTA ESPÔSA DE HENRIQUE VIII

Chelsea, Inglaterra, 28, julho, 1557

A única das seis espôsas de Henrique VIII que ainda estava viva faleceu hoje. Era a princesa Ana de Clèves, a quarta da galeria do Barba Azul, cujo casamento foi anulado depois de oito meses. Na época O BRASIL EM JORNAL realizou completa cobertura do caso.



Ana de Clèves: das espôsas de Henrique VIII, a que mais viveu

Bondosa, mas sem projeção, só o acaso elevou a princesa de Clèves ao primeiro plano da História, quando, aos 24 anos, recebeu — ela que só vivia entregue à costura e ao bordado — a grande notícia: Henrique VIII, viúvo de Jane Seymour, queria a sua mão. Tudo se deveu ao chanceler Cromwell que via no casamento uma garantia política para ganhar à Inglaterra o apoio dos protestantes alemães. O contrato matrimonial foi firmado no dia 24 de setembro de 1539.

A nova rainhá passou então à Inglaterra e desembarcou em Rochester no dia 1º de janeiro de 1540.

Desde êsse momento começaram as providências para livrar-se o rei da «importuna». Henrique diz que o casamento não foi consumado e no dia 9 de setembro de 1540 é declarado nulo por um ato do parlamento. Sem pesar, Ana retirou-se para Richmond e viveu na Inglaterra o resto de seus dias.

ESPANHA PERDE GENERAL

Valadoll, 15, novembro, 1557

Os exércitos espanhóis, desde hoje, não contarão mais com um dos seus grandes generais: Ferrante Gonzaga, morto depois de ter participado de numerosas e decisivas batalhas, entre as quais a de Saint-Quentin.

Gonzaga, temperamento belicoso, já aos 20 anos destacava-se no famoso saque de Roma. Três anos depois, em 1530, tomava a chefia das forças coligadas que renderam Florença e em 1535 participava da empresa contra Túnis e das invasões da França em 1536 e 44. O imperador premiou-o com o vice-reinado da Sicília, que exerceu de 1536 a 46, com o título de conde de Guastalla (3 de outubro de 1539) e com a tutela de seu irmão Guilherme.

Com a morte do marquês del Vasto, governador do ducado de Milão, Carlos V confiou a Gonzaga o governo do importante território, onde passou oito anos sem, no entanto, confirmar as esperanças nêle depositadas. Empenhou-se em guerra pouco honrosa contra Pedro Luís Farnésio, duque de Parma e Piacência, e com intrigas provocou o seu assassinio, em 1547.



Na guerra entre o imperador e Henrique II teve pouca sorte e acabou tendo que ir a Bruxelas responder, frente a Carlos V, às acusações que lhe eram feitas. Não obtendo a ratificação do vice-reinado milanês, Ferrante Gonzaga retirou-se no ano retrasado para suas terras de Guascalla que regou com acerto.

Católicos e protestantes em conferência

Worms, 6, dezembro, 1557 (Do enviado especial)

«O Senhor não quis que o congresso fôsse totalmente em vão, pois serviu para mostrar a concórdia que reina entre católicos, ao contrário dos nossos adversários. Pudemos constatar, também, como é desprezível a autoridade dos inimigos da Igreja».

Com essas palavras, o padre Canisio procurou resumir para o enviado de O BRASIL EM JORNAL o resultado do Colóquio que desde o dia 11 de setembro funcionava aqui e que tinha como objetivo, além de tratar das guerras contra os turcos, dar oportunidade a católicos e protestantes de discutirem os seus problemas.

OS DEBATES

Logo na primeira sessão, Melancthon, chefe dos teólogos protestantes, disse: «Nós rejeitamos todas as heresias, mas antes de tudo as decisões ímpias do pretense concílio de Trento». Canisio, um dos encarregados pelo rei Fernando, de defender o ponto de vista católico, tomou a palavra nas duas últimas reuniões, a quinta e a sexta, para protestar contra o que classificou de injúrias em lugar de argumentos, dos protestantes.

Mostrou como as discussões não teriam finalidade, se cada um seguisse o seu próprio sentimento, mesmo apoiando-se na Bíblia, pois cada um a interpretava a seu modo. O chefe dos teólogos católicos, Helling, acusou os luteranos de condenarem com os católicos os erros de Zwingli, Calvino, Illyricus e outros. Isto lançou a discórdia no campo adversário, porque alguns pactuavam com os sacramentários. Só os teólogos de Saxônia e Brunswick consentiram em condenar os que Helling citara. Melancthon disse, então, que só o luteranismo puro e o catolicismo eram legais na Alemanha, e excluiu os luteranos da assembleia. A partida desses teólogos impediu a continuação do Colóquio.

NÓBREGA MUITO DOENTE

Salvador, agosto, 1557 (Do correspondente)

Botando sangue pela boca e febril, diariamente, Manuel da Nóbrega, o jesuíta ora servindo nesta cidade, tem passado a maior parte do tempo preso ao leito.

Nóbrega declarou-nos que não sabe a que atribuir sua doença. Há tempos esteve bastante resfriado e chegou a encomendar remédios de Portugal. Mas sentiu-se melhor e se esqueceu de tratar-se.

Agora, bastante enfêrmo, vale-se dos serviços profissionais do dr. Jorge Fernandes, inutilmente. «Ora, afirmou-nos êle, dizem que é vela partida, ora que é do peito e que também pode ser da cabeça. Seja o que for, o que mais sinto é que a febre me vai gastando aos poucos».